

## A curricularização da extensão na graduação em saúde: a experiência de um curso de Enfermagem

The inclusion of university extension in the curriculum of health graduation course: the experience of a Nursing program

### Sibele Pontes Rocha

Enfermeira. Mestranda em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

### Osmar Arruda da Ponte Neto

Fisioterapeuta. Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia/ Universidade Estadual Vale do Acaraú.

### Quiteria Larissa Teodoro Farias

Enfermeira. Mestranda em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: [larissa.teodoro1996@gmail.com](mailto:larissa.teodoro1996@gmail.com)

### Gabriel Pereira Maciel

Graduando em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

### Ívina Alessa Bispo Silva

Graduanda em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

### Joaquim Ismael de Sousa Teixeira

Graduando em Enfermagem pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

### Ana Suelen Pedroza Cavalcante

Enfermeira. Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutoranda em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

### Maristela Inês Osawa Vasconcelos

Enfermeira. Mestre em Enfermagem Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pró-reitora de Pesquisa e Pós-Graduação e docente do curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

### Resumo

Este estudo tem como objetivo descrever o processo de curricularização da extensão em um curso de graduação em enfermagem. Modela-se em um relato de experiência desenvolvido por meio da vivência dos autores no módulo curricular Práticas Interdisciplinares em Ensino Pesquisa e Extensão I, do 4º semestre do curso de graduação em enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, Ceará, estruturando-se em dois eixos analíticos, a saber: “Organização didático-pedagógica do PIEPE I” e “O PIEPE I e sua contribuição social e para a formação em enfermagem”. O módulo perfaz uma carga-horária de 80h, onde, 12h são destinadas às atividades teóricas, que integram ensino e pesquisa e 68h destinadas às atividades de extensão, que se desenvolve de forma integrada ao currículo, proporcionando ao acadêmico vivências no âmbito da saúde do adolescente em território vivo e o desenvolvimento de habilidades e competências que ultrapassam o saber técnico. Além de agregar conhecimento para o autocuidado em saúde, os adolescentes passam a ter novas perspectivas se reconhecendo como agentes importantes na sociedade. Compreende-se que apesar dos desafios para a implementação da curricularização da extensão, o curso de Enfermagem da UVA tem buscado avançar nesse sentido, favorecendo a melhoria do ensino e o desenvolvimento do papel social da universidade.

**Palavras-chave:** Educação em Enfermagem; Currículo; Relações Comunidade-Instituição.

## Abstract

The objective of this study is to describe the process of including university extension in the curriculum in a nursing graduation course. This is an experience report developed with the experience of 4th semester nursing students from Vale do Acaraú State University (UVA), in the city of Sobral, state of Ceará. The experience was obtained from the course module named Interdisciplinary Practices in Teaching, Research, and Extension I, being based on two analytical axes, namely: "PIEPE I didactic-pedagogical organization" and "PIEPE I and its social contribution for nursing education". The module has a workload of 80h, of which 12h are for the theoretical activities, which integrate teaching and research, and 68h are destined for extension

activities. These activities are developed in an integrated way to the curriculum, offering the student experiences in the area of adolescent health in living territory and the development of skills and competences that go beyond technical knowledge. Besides adding knowledge for self-care in health, adolescents will have new perspectives recognizing themselves as important agents in society. Despite the challenges for the implementation of the extension curriculum, the nursing program at UVA has sought to advance in this direction, favoring the improvement of teaching and the development of the university's social role.

**Keywords:** Nursing Education; Curriculum; Community-Institution Relations.

## Introdução

As universidades constituem-se como espaços de formação acadêmica, profissional e de produção do conhecimento, sejam nos contextos sociais, culturais, ambientais ou econômicos. Assim, o ensino superior possui a responsabilidade social de proporcionar o desenvolvimento de tecnologias e novos saberes<sup>1</sup> que sejam capazes de atender as necessidades da população e de promover a transformação social.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), por sua vez, estabelece como finalidades do ensino superior esse compromisso social das universidades, representada na forma de prestação de serviços especializados à comunidade de modo que estabeleça com esta uma relação de reciprocidade. Nesta perspectiva, a LDB propõe a promoção da extensão universitária como atividade fundamental para este alcance<sup>2</sup>.

Neste sentido, destaca-se a extensão como promotora dessa aproximação da universidade com a sociedade, como ressaltado no primeiro Fórum de Pró-reitores de Extensão que conceituam a extensão como uma via de mão dupla, onde a academia busca na sociedade a experiência necessária para construção de um conhecimento acadêmico vinculado à prática, por outro lado, a sociedade recebe uma contrapartida, pois é beneficiada pelos conhecimentos produzidos por esse diálogo entre Universidade e comunidade<sup>3</sup>.

É importante salientar que a realização da extensão universitária não pode acontecer de forma separada do ensino e da pesquisa. Para que o processo de transformação social seja efetivo, o tripé formado pelo ensino, pesquisa e extensão deve acontecer de forma indissociável. Essa indissociabilidade é

garantida na Constituição de 1988<sup>4</sup>, assim como foi definida como um dos cinco princípios da extensão universitária, presentes nas diretrizes do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Ensino Superior Públicas Brasileiras (FORPROEX)<sup>5</sup>. E também está assegurada nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição (DCN) que estabelece que o projeto pedagógico, assim como as estruturas desses cursos, devem proporcionar uma articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão<sup>6</sup>.

Apesar da extensão se apresentar como fator indissociável do tripé da formação, potencializar ações acadêmicas e estar presente nesses documentos que constituem-se em legais, a realização das ações de extensão fica em terceiro plano e sua realização se configura como um grande desafio. Sendo assim, em 2012 foi lançada a Política Nacional de Extensão Universitária, baseada no Plano Nacional de Extensão Universitária de 1999, com o intuito de que os conceitos relacionados com a prática extensionista sejam compreendidos e divulgados, facilitando a ampliação e melhoria das atividades de extensão<sup>5</sup>, fortalecendo assim, a extensão universitária como pilar essencial da formação.

Ademais, em 2014, foi aprovado o Plano Nacional de Educação (PNE), que possui como uma de suas diretrizes a melhoria da qualidade da educação e apresenta na meta 12.7 a exigência de que seja assegurado no mínimo

10% do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de extensão universitária<sup>7</sup>. Novamente levando as universidades a darem a atenção necessária para com as atividades de extensão, agora, obrigatória dentro dos currículos de graduação.

São consideradas pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Estadual Vale do Acaraú as seguintes ações de extensão: os serviços desenvolvidos pela Universidade como atividades de eventos artísticos, as ações culturais, curso de curta duração, seminários, encontros, palestras, conferências, ações científicas e tecnológicas que expressem relação entre Universidade e Sociedade, como consequência da articulação Ensino e Pesquisa<sup>8</sup>. Incluem-se ainda os projetos de extensão e as atividades extensionistas desenvolvidas pelas ligas acadêmicas<sup>9</sup>. As ações de extensão estão descritas conforme o FORPROEX que as classifica em: programa, projeto, curso, evento e prestação de serviços<sup>10</sup>.

Neste contexto, surge no curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) o módulo Práticas Interdisciplinares em Ensino, Pesquisa e Extensão I (PIEPE I), o qual, consiste em uma importante experiência de curricularização da extensão universitária, priorizando a mesma na carga horária geral do curso, sem deixar de contemplar os outros dois eixos do tripé, garantindo sua indissociabilidade, e consequentemente, a qualidade do ensino.

A partir das atividades de extensão que já eram realizadas como atividade extracurriculares e pela concepção da relevância da integralização da extensão a matriz curricular dos cursos de graduação é que os docentes da referida instituição pensaram no referido módulo. Esta é uma iniciativa de tornar a extensão transversal a todo o período da graduação em enfermagem.

O reconhecimento do poder de transformação da extensão e a compreensão das fragilidades que ainda são encontradas para a efetivação do que está proposto no PNE, torna importante a divulgação das experiências de curricularização da extensão. Além disso, as discussões sobre extensão universitária precisam ser fortalecidas no meio acadêmico como uma forma de potencializar este pilar. Assim, o objetivo deste estudo é descrever o processo de curricularização da extensão em um curso de graduação em enfermagem.

### Metodologia

O presente estudo modela-se em um relato de experiência desenvolvido por meio da vivência dos autores enquanto monitores e docentes do módulo curricular PIEPE I, do 4º semestre do curso de graduação em enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), localizada em Sobral, Ceará, durante os semestres 2017.2 e 2018.1 da referida universidade.

O relato de experiência é um tipo de estudo descritivo que apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações, abordando

uma situação vivenciada em âmbito acadêmico ou profissional, de interesse da comunidade científica<sup>11</sup>.

A vivência se passa no curso de graduação em Enfermagem da UVA, que atualmente está organizado em módulos, em substituição às disciplinas tradicionais. Estes são vistos inicialmente de acordo com os sistemas do corpo e depois a partir dos ciclos de vida humano e se interligam com os PIEPE, os quais se organizam em PIEPE I, II, III e IV, compondo a grade curricular do curso do quarto ao sétimo período.

No quarto semestre, o ensino está voltado para a saúde do adolescente, neste âmbito se insere o módulo PIEPE I, que aborda procedimentos pedagógicos, metodológicos e técnico-científicos de projetos e atividades de extensão universitária, articulados ao ensino e à pesquisa com foco em adolescentes e adultos jovens em situação de vulnerabilidade e/ou de risco, prioritariamente.

Enquanto campo de vivências práticas os acadêmicos são divididos em grupos e distribuídos nos espaços de ensino-aprendizagem, que contam com a parceria de instituições públicas e do terceiro setor, como Escolas estaduais; a Secretaria Municipal de Cultura, Juventude, Esporte, e Lazer, por meio do Programa Estação da Juventude; a Secretaria Municipal de Saúde, por meio do Projeto Flor do Mandacaru; e a Organização da Sociedade Civil (OSC) por meio do Projeto Casa Acolhedora do Arco e do Instituto Teias da Juventude (ITJ).

Nesse recorte temporal, dos semestres 2017.2 e 2018.1 estiveram envolvidos nas atividades quatro monitores e quatro docentes, as turmas tinham em média 30 acadêmicos cada e obteve-se um alcance estimado em mil adolescentes nas atividades de extensão realizadas.

Assim, a opção pelo relato dessa experiência traduz, o reconhecimento do potencial de transformação social do PIEPE no curso de enfermagem em questão e a necessidade de disseminação para fomentar estratégias de curricularização da extensão na graduação.

Diante disso, o manuscrito se organiza em dois eixos analíticos, a saber: “Organização didático-pedagógica do PIEPE I” e “O PIEPE I e sua contribuição social e para a formação em enfermagem”.

## Resultados e discussão

A partir das experiências vivenciadas durante os semestres em que os autores estiveram atuando no módulo PIEPE I foi possível delinear as categorias que serão apresentadas a seguir e relatadas a partir da visão dos autores.

### Organização didático-pedagógica do módulo PIEPE I

Tendo como diretriz a concepção de que a extensão é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico,

tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa<sup>12</sup>, o PIEPE vem, a partir das experiências vivenciadas, de forma dinâmica tendo sua operacionalização aprimorada a cada semestre.

Curricularmente, o módulo perfaz uma carga-horária de 80h, onde, 12h são destinadas às atividades teóricas, que integram ensino e pesquisa e 68h destinadas às atividades de extensão em serviços de saúde, educação e assistência social na cidade de Sobral, Ceará, voltados ao público adolescente e adulto jovem. Além disso, o processo avaliativo do módulo baseia-se na construção de relatos da experiência, em texto e vídeo, sobre as atividades desenvolvidas em campo.

Os momentos teóricos são coordenados pelos docentes e monitores do módulo e compreendem assuntos acerca da história da universidade brasileira, concepções e tendências da extensão universitária brasileira, abordagens grupais, aspectos sociais e de saúde do adolescente e adulto jovem e a divulgação das ações extensionistas.

Sabendo que o PIEPE I é o primeiro módulo de extensão na grade curricular, há essa preocupação em imergir os acadêmicos na realidade histórica da extensão, de forma que os mesmos compreendam a importância da

extensão para o seu processo de ensino-aprendizagem, bem como, promover a reflexão ética quanto à dimensão social do ensino e da pesquisa, enquanto dispositivos para transformação social.

O módulo ainda, por se tratar de abordagem a adolescentes, onde segundo Ferreira, Marques, Rozendo et al<sup>13</sup>, destaca-se a necessidade da utilização de propostas educativas com práticas inovadoras, que estimulem mudanças na realidade dos sujeitos envolvidos. Sendo assim, é importante o reconhecimento do público que será abordado, favorecendo a reflexão nos momentos sobre abordagem grupal e saúde do adolescente.

Os cenários de desenvolvimento das atividades têm como público principal adolescentes e adultos jovens, em áreas e situações de vulnerabilidade social. Sendo assim, propositalmente, não são apenas espaços de assistência à saúde, o que para Backes, Haag, Vasconcelos et al<sup>14</sup>, favorece a inserção dos acadêmicos em espaços comunitários, possibilitando-os uma aprendizagem contextualizada e dialógica, com base em novos e diferentes saberes e práticas.

A carga horária é pré-estabelecida com os responsáveis pelos setores e os acadêmicos são supervisionados por eles, juntamente com os monitores e docentes do módulo, assim como toda a programação das temáticas abordadas e metodologias utilizadas são pensadas nesse coletivo e também com os adolescentes e

jovens, mediante um diagnóstico inicial, realizado nos primeiros encontros.

Toda essa construção coletiva do cronograma das ações é feito mediante embasamento teórico nos temas estruturantes das Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde, a saber: Participação Juvenil, Equidade de Gêneros, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos, Projeto de Vida, Cultura de Paz, Ética e Cidadania, Igualdade Racial e Étnica<sup>15</sup>.

Por meio destes, são desenvolvidas abordagens grupais, rodas de conversa, construção e aplicação de jogos interativos, momentos de descontração com dança e capoeira, de forma que as temáticas tenham impacto na realidade do público abordado.

As atividades de pesquisa refletem a aprendizagem significativa das ações de extensão realizadas e compreendendo a importância da disseminação dessas experiências na formação em enfermagem são desenvolvidos resumos expandidos e artigos, acerca das ações e incentivada a participação e apresentação em eventos científicos, bem como, a submissão em periódicos.

O foco ao desenvolvimento de material audiovisual é o de inserir outras linguagens mais acessíveis e inclusivas que traduzam o conhecimento científico para diferentes públicos, o que se deve a necessidade cada vez

maior de popularização da Educação, Ciência & Tecnologia (C&T). Em 2015, o Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) realizou a quarta edição da pesquisa de percepção pública da ciência e tecnologia no Brasil mostrando que os brasileiros respeitam, valorizam e têm interesse na C&T, mas que ainda há uma lacuna de informações sobre a área de modo que a sociedade, de fato, reconheça e entenda o conhecimento científico<sup>16</sup>.

### O PIEPE I e sua contribuição social e para formação em Enfermagem

A contribuição de um módulo que traz em seu bojo os três pilares da universidade, possibilita ao acadêmico de enfermagem o desenvolvimento de competências essenciais para a sua atuação profissional, articulando saberes do ensino, diante dos momentos teóricos; da pesquisa, por meio da construção dos relatos de experiência; e da extensão, a partir das atividades desenvolvidas com os adolescentes e adultos jovens.

A experiência de curricularização da extensão, por meio do PIEPE I, possibilita minimizar o modelo fragmentado e biologicista que ainda se faz predominante na educação dos profissionais da saúde, ofertando assim, uma formação que permita a aproximação da comunidade, conhecendo as diferentes realidades sociais, como também favorecendo o desenvolvimento do olhar crítico-reflexivo e holístico diante das situações de saúde<sup>17</sup>.

É proporcionada ainda uma colaboração interprofissional na formação, por meio da integração no planejamento e efetivação das ações junto a profissionais do serviço da área da assistência social, pedagogia e psicologia fomentado pelos espaços de vivências. Isso implica diretamente na qualidade dos serviços de saúde, que atualmente são reféns de certo engessamento laboral, devido a fragmentação dos conhecimentos e de uma cultura corporativista, carentes de uma subjetividade e troca de afetos entre profissionais e população<sup>18</sup>.

Deste modo, a extensão se desenvolve de forma integrada ao currículo, proporcionando ao acadêmico vivências no âmbito da saúde do adolescente em território vivo e o desenvolvimento de habilidades e competências que ultrapassam o saber técnico da sala de aula e atingem o campo das subjetividades das relações humanas de empatia e cidadania.

Oferecendo portanto ao estudante a aproximação com questões sociais e culturais que despertam seu senso crítico e reflexão<sup>19</sup>, formando profissionais comprometidos eticamente e politicamente com as necessidades sociais e de saúde da população, que segundo Gonçalves<sup>20</sup>, faz-se como algo obrigatório nos currículos de graduação, considerando que a atividade fim das universidades é a formação de profissionais, cidadãos, indivíduos sensíveis às necessidades da população.

Por meio do encontro entre acadêmicos e adolescentes e dessa consequente troca de saberes e construção coletiva do conhecimento, tanto os adolescentes são afetados positivamente pelos conhecimentos científicos trazidos da universidade, como os acadêmicos têm a possibilidade de vivenciar momentos que traduzem a realidade em seu estado bruto, na perspectiva da produção de relações férteis e geradoras de novos saberes, bem como, de ressignificação de conceitos e práticas<sup>21</sup>.

Além de agregar conhecimento para o autocuidado em saúde, os adolescentes passam a ter novas perspectivas diante do convívio e vínculo estabelecido com os acadêmicos, passando a se inserir em movimentos políticos e sociais se reconhecendo como agentes importantes na sociedade no protagonismo de mudanças e despertando ainda o olhar curioso para a academia. O ser protagonista neste sentido, se caracteriza pelo compromisso de assumir a responsabilidade sobre seus atos, considerando que estes por menores que sejam, possuem um impacto social<sup>22</sup>.

### **Considerações finais**

Os módulos de PIEPE foram pensados desde sua concepção, como parte da estratégia de curricularização da extensão, dedicando a maior parte de suas cargas horária a inserção dos acadêmicos em espaços intersetoriais e o desenvolvimento de ações extensionistas,

que de fato priorizasse o diálogo efetivo com a comunidade.

O PIEPE I, em especial inicia esse processo na graduação em Enfermagem da UVA, sendo estruturado na perspectiva de iniciar o debate acerca de diversas questões intrínsecas a universidade, como: a evolução da mesma no cenário brasileiro; o significado e indissociabilidade do tripé universitário e a evolução da extensão universitária no Brasil, aliadas à saúde dos adolescentes e jovens e à facilitação de momentos grupais. Neste sentido, entende-se que apesar dos desafios para a implementação da curricularização da extensão, o curso de Enfermagem da UVA tem buscado avançar nesse sentido, favorecendo a melhoria do ensino e o desenvolvimento do papel social da universidade.

Com uma ideia inovadora frente a organização curricular tradicional, o PIEPE traz em sua configuração a necessidade do estudante vivenciar fora da sala de aula, a saúde em seu estado puro e dinâmico, na comunidade, disparando ações extensionistas de educação em saúde embasadas pelo ensino da sala de aula e subsidiando o desenvolvimento da pesquisa em saúde. Recomenda-se que novos estudos sejam produzidos, trazendo outras experiências que enriqueçam o currículo em Enfermagem, por meio de ementas curriculares que fujam do tradicional e impulsionam métodos ativos e o perfil crítico-reflexivo e criativo do acadêmico.

## Referências

1. Ribeiro RC, Magalhães AM. Política de responsabilidade social na universidade: conceitos e desafios. *Educ. Soc. & Cult.* 2014; (42):133-156.
2. Brasil. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, 20 dez. 1996.
3. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (Forproex). Conceito de extensão, institucionalização e financiamento. *Encontro De Pró-Reitores De Extensão Das Universidades Públicas Brasileiras*: Brasília, 1987.
4. Brasil. Constituição Federal de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988.
5. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (Forproex). Política Nacional de Extensão Universitária. Porto Alegre: UFRGS/Pró-Reitoria de Extensão, 2012.
6. Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Parecer CNE nº 1133/01. Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição. Brasília: Ministério da Educação; 2001.
7. Brasil. Plano Nacional de Educação 2014-2024. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. p.86.
8. Universidade Estadual Vale do Acaraú [homepage na internet]. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura – Apresentação [acesso em 23 set 2019]. Disponível em: <http://www.uvanet.br/proex/>
9. Cavalcante ASP. Ligas acadêmicas no ensino superior da área da saúde: Potencialidades e fragilidades. Sobral. Dissertação [Mestrado Acadêmico em Saúde da Família] – Universidade Federal do Ceará; 2018.
10. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Extensão Universitária: Organização e Sistematização. Belo Horizonte: COOPMED, 2007.
11. Cavalcante BLL, Lima UTS. Relato de experiência de uma estudante de Enfermagem em um consultório especializado em tratamento de feridas. *J Nurs Health.* 2012; 2(1):94-103.
12. Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução Nº 7, de 18 de Dezembro De 2018. Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
13. Ferreira CPS, Marques JF, Rozendo CA, Ferreira CB, Pinto LMTR, Ferreira AS. Estratégias pedagógicas para educação em saúde com adolescentes: uma revisão integrativa. *J. res.: fundam. care. online* 2016. abr./jun. 8(2):4197-4211.
14. Backes DS, Haag BK, Vasconcelos J, Dalcin CB, Backes MTS, Lomba L. Acadêmicos de enfermagem na comunidade: estratégia empreendedora e propositora de mudanças. *Rev Bras Enferm [Internet]*. 2018;71(suppl 4):1904-9. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/reben/v71s4/pt\\_0034-7167-reben-71-s4-1799.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reben/v71s4/pt_0034-7167-reben-71-s4-1799.pdf)
15. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção em Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas, Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília : Ministério da Saúde, 2010.
16. Brasília. A ciência e a tecnologia no olhar dos brasileiros. Percepção pública da C&T no Brasil: 2015. – Brasília, DF: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2017.
17. Peres CRFB, Marin MJS, Soriano ECI, Ferreira MLSM. Um olhar dialético para as mudanças curriculares na formação do enfermeiro. *Rev Esc Enferm USP.* 2018;52:03397.
18. Cardoso AC, Corralo DJ, Krahl M, Alves LP. O estímulo à prática da interdisciplinaridade e do multiprofissionalismo: a Extensão Universitária como uma estratégia para a educação interprofissional. *Rev ABENO.* 2015;15(2):12-19.
19. Siqueira SMC, Jesus VS, Santos ENB, Whitaker MCO, Sousa BVN, Camargo C. Atividades extensionistas, promoção da saúde e desenvolvimento sustentável: experiência de um grupo de pesquisa em enfermagem. *Esc Anna Nery.* 2017; 21(1).
20. Gonçalves NG. Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: um principio necessário. *Perspectiva.* Set/Dez. 2015. 33(3):1229-56.
21. Nobre RS, Moura JRA, Brito GR, Guimarães MR, Silva ARV. Vivenciando a Extensão Universitária através de ações de educação em saúde no contexto escolar. *Rev APS.* 2017 abr/jun; 20(2):288 – 292.
22. Nogueira AT, Araújo EM. Incentivo ao protagonismo juvenil para a redução da violência e das desigualdades sociais. *Interfaces - Revista de Extensão da UFMG.* 2016 jul./dez; 4(2): 186-95.

Submissão: 22/05/2019

Aceite: 02/10/2019